

Marta Cristina Araújo
Setembro '01

... é sempre, sempre com surpresa emocionada que vejo sucederem-se vivas as esculturas de Paulo Neves. Meteoros afeiçoados durante o trajecto, caídos aqui e ali em ilhazinhas de Páscoa à nossa mão, ou em novelos de estradas, - tudo com o mesmo mistério de que só o espírito criador dos homens (poucos) é capaz. Ou, ainda, erguidas (quem sabe?) da terra, complemento de uma paisagem às vezes farta da fúria de raízes sedentas, insaciáveis.

Toda a profundidade é então transposta para o interior do volume visível, numa paciente introspecção de pálpebras caídas. Cabeças enormes, despojadas de corpo, decepadas de qualquer hierarquia, porque não há nudez, nem artifício que a dissimule. E oxalá que nunca.

Às vezes, crescem ao longe, peregrinas em grupos fatiados. Massas de pedras ou de madeira, suspensas de um frente a frente fictício, naquele lugar litúrgico. Para se sentir o prévio acordo basta andar ao redor, vezes sem conta, entrar no movimento anterior ao da partida.

Para onde e quando, não sei. É intemporal a harmonia, mesmo esta dos silêncios decisivos que pode ser por definição, a escultura.